

Na Bula de convocação do Ano da Misericórdia, afirma o Papa Francisco: “Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.

O Ano da Misericórdia tem início no dia da Imaculada Conceição (8 de Dezembro de 2015) e terminará na festa de Cristo Rei (20 de Novembro de 2016). Este ano será vivido tendo como pano de fundo o drama de um contingente de refugiados de guerra nunca visto desde a II Guerra Mundial, por um lado; e, por outro lado, tendo como espectro ameaçador, medonho e dantesco, o terrorismo à escala global.

O Deus bíblico é frequentemente definido com dois adjectivos: “paciente e misericordioso”.

Nos primeiros tempos da igreja, os catecúmenos, na sua preparação para o baptismo, eram educados para serem capazes de misericórdia.

Santo Agostinho foi – e de longe – o grande pregador da misericórdia de Deus. É da sua autoria esta tão sugestiva frase: “o que nos faz próximos uns dos outros não é a parentela, mas a misericórdia”.

São Clemente Romano, na Carta aos cristãos de Corinto, escreve:

*“Tu, Senhor, criaste a terra,
Tu, fiel em todas as gerações,
justo nos teus juízos,
admirável na força e na magnificência,
sábio ao criar,
inteligente ao estabelecer as coisas criadas,
bom nas coisas visíveis,
benévolo para os que confiam em ti,
misericordioso e compassivo,
perdoa as nossas iniquidades e injustiças,
as quedas e as negligências.
Não contes os pecados dos teus servos
e das tuas servas
... e dirige os nossos passos
para caminharmos na santidade do coração”.*

Foi este apelo a uma caminhada na santidade do coração que ecoou, proferido pelo Papa Francisco, no dia 20 de Setembro (2015), na Praça da Revolução, em Havana (Cuba):

“A vida autêntica vive-se no compromisso concreto com o próximo, isto é, servindo.

Servir significa cuidar dos frágeis das nossas famílias, da nossa sociedade, do nosso povo. São os rostos sofredores, indefesos e angustiados que Jesus nos propõe olhar e convida concretamente a amar.

Ser cristão comporta servir a dignidade dos irmãos e viver para a dignificação dos irmãos. O SERVIÇO NUNCA É IDEOLÓGICO, DADO QUE NÃO SERVIMOS AS IDEIAS, MAS AS PESSOAS.

A importância dum povo, dum nação, a importância dum pessoa baseia-se sempre no modo como serve a fragilidade dos seus irmãos. E nisto encontramos um dos frutos da verdadeira humanidade (...) porque, ‘quem não vive para servir, não serve para viver’”.

Na sua passagem pelas Nações Unidas e no Encontro das Famílias, em Filadélfia, Francisco, o Papa que veio “quase do fim do mundo”, lançou este alerta gritante: “Um povo que não sabe tratar das crianças e dos avós é um povo sem futuro, porque não tem a força nem a memória que o faça avançar”. Numa palavra, a falta de misericórdia e de compaixão desumaniza-nos!

Em Filadélfia, após um encontro com cinco vítimas de abusos sexuais por membros do clero, familiares ou professores, o Papa argentino, desabafou assim: “Lamento-o profundamente. Deus chora”.

Esta expressão “Deus chora” é teologicamente incorrecta, mas de uma potentíssima força mediática e pedagógica. Um Deus que chora é um Deus que ama. Um Deus que, sem deixar de ser Deus, “sofre” as dores dos homens e das mulheres de todos os tempos e de todos os lugares, foi este o rosto que Jesus Cristo revelou. O grito “Deus chora” é algo que qualquer pessoa, culta ou analfabeta, crente ou não crente, aldeão ou cidadão, entende. Aliás se há virtude que eu admiro neste Papa é a clareza da sua linguagem. Todos o entendem: crentes (seja qual for a sua confissão religiosa), ateus e agnósticos. Apenas um grupo o não entende: os católicos tradicionalistas, que é o mesmo que dizer, a beatice católica! Aliás a beatice católica a única linguagem que entende é a de um devocionismo desencarnado da vida, de uma piedade sem alma nem verdade, de um catolicismo assente em regras e preceitos, certamente que muito bem fundamentados, que poderão ser muito católicos, mas que estão a anos-luz do cristianismo. E há ainda algo mais em que a beatice católica é perita: na coscuvilhice, na maledicência e, pior do que tudo isto, ir hipócrita e velhacamente à igreja movida, não pela fé mas pela má-fé!

Emanuel Lévinas, um filósofo de origem judaica, que conheceu o cárcere durante a II Guerra Mundial, conseguiu ultrapassar o ódio mais avassalador no coração dos que se lançaram nas batalhas mais sangrentas da história humana partindo deste princípio: “cada um reencontra-se a si na medida em que descobre o outro, porque é na diversidade que melhor encontramos o outro pelo qual somos responsáveis, porque cada um é expressão do infinito”. Segundo Lévinas, o homem existe na medida em que se relaciona com os outros.

A vida cristã é pautada pelas obras de misericórdia, como nos lembra a parábola do rei no juízo final: “Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome e deste-

me de comer, estava preso e fostes visitar-me...” É por isso que São João da Cruz afirma que “no entardecer da vida seremos julgados sobre o amor”. Terminadas as festas do ciclo natalício, domingo após domingo, iremos centrar a nossa atenção em cada uma das 14 obras de misericórdia.

A celebração do Ano da Misericórdia constitui um convite a todos os cristãos e homens de boa vontade a contemplarem no rosto desfigurado do homem a presença inequívoca d’Aquele que com ele se identifica e que nos pede ajuda, seja por ter fome ou sede de justiça, por falta de abrigo ou de um coração aberto...

Foi o rosto desfigurado de Jesus que do alto da cruz abraçou o mundo no olhar mais intenso e apaixonado que alguma vez abrasou o coração da humanidade!